

Por Uma
ANTROPOLOGIA
Existencial-Originária

Coleção Filosofia, 49

Cezar Luís Seibt

Por Uma
ANTROPOLOGIA
Existencial-Originária
APROXIMAÇÕES AO PENSAMENTO
DE *Martin Heidegger*



Editora UNIJUI

Ijuí

2015

© 2015, Editora Unijuí
Rua do Comércio, 1364
98700-000 – Ijuí – RS – Brasil
Fone: (0__55) 3332-0217
Fax: (0__55) 3332-0216
E-mail: editora@unijui.edu.br
Http://www.editoraunijui.com.br
www.twitter.com/editora_unijui

Editor: Gilmar Antonio Bedin

Editor-Adjunto: Joel Corso

Capa: Alexandre Sadi Dallepiane

Imagem da Capa: Disponível em: <<https://i.huffpost.com/gen/2600262/images/o--MARTIN-HEIDEGGER-facebook.jpg>>

Responsabilidade Editorial, Gráfica e Administrativa:

Editora Unijuí da Universidade Regional do Noroeste
do Estado do Rio Grande do Sul (Unijuí; Ijuí, RS, Brasil)

Catálogo na Publicação:
Biblioteca Universitária Mario Osorio Marques – Unijuí

S457a Seibt, Cezar Luís.

Por uma antropologia existencial-originária: aproximações ao pensamento de Martin Heidegger / Cezar Luís Seibt. – Ijuí : Ed. Unijuí, 2015. – 208 p. – (Coleção filosofia ; 49).

ISBN 978-85-419-0150-5

1. Filosofia. 2. Antropologia. 3. Heidegger. 4. Pensamento filosófico. I. Título. II. Título: Aproximações ao pensamento de Martin Heidegger. III. Série.

CDU : 1

141

Editora Unijuí afiliada:



Associação Brasileira
das Editoras Universitárias



Com a coleção *Filosofia* a Editora Unijuí soma-se às iniciativas editoriais que publicam obras que se inscrevem no complexo horizonte das reflexões filosóficas de nossa época. A coleção inicia no ano em que o curso de Filosofia desta universidade comemora 45 anos e visa a dar publicidade a textos que, sob diferentes perspectivas e compreensões, contribuam para estimular e consolidar o atual e relevante interesse por temas e escritas de caráter filosófico.

Conselho Editorial

Aloísio Ruedell – Unijuí
Antônio Sidekum – Faccat
Cecília Pires – Unisinis
Edmilson Alves de Azevedo – UFP
Ernildo Stein – PUC/RS
Hector Benoit – Unicamp
Inácio Helfer – Unisinis
João Carlos Brum Torres – UFRGS
José Oscar de Almeida Marques – Unicamp
Maria Constança Peres Pissara – PUC/SP
Maria das Graças Souza – USP
Míroslav Mílovic – UnB
Noeli Dutra Rossatto – UFSM
Oswaldo Chateaubriand Filho – PUC-Rio
Oswaldo Giacóia Jr. – Unicamp
Odilio Alves de Aguiar – UFC
Paulo Denisar Fraga – Unifal-MG
Renato Janine Ribeiro – USP
Robson Ramos dos Reis – UFSM
Rodrigo Duarte – UFMG
Sérgio Lessa – Ufal
Scarlett Marton – USP
Wolfgang Leo Maar – Ufscar

Comitê Editorial

Paulo Rudi Schneider – Unijuí
Aloísio Ruedell – Unijuí
Vânia Lisa Fischer Cossetin – Unijuí
Joel Corso – Editor-adjunto da Editora Unijuí

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	11
INTRODUÇÃO	15
O CAMINHO DA HERMENÊUTICA	
– o Problema do Método e o Método do Problema	35
a) Método: construção e desconstrução.....	35
b) Pré-compreensão e circularidade	41
c) A questão da linguagem.....	46
d) Um acesso originário ao ser humano.....	48
e) Hermenêutica.....	52
O HOMEM NO PENSAMENTO DE HEIDEGGER	65
a) Compreender o ser humano: acúmulo ou desconstrução de informações?.....	65
b) O projeto da ontologia fundamental, cotidianidade e a pergunta pelo homem.....	74
c) Ser-no-mundo	84
d) Existência, abertura e temporalidade	91
e) Modos diversos de ser – Homem formador de mundo.....	101
f) Mundo e Linguagem – Abertura e Ocultamento	107
g) Cotidianidade, Impessoalidade e Impropriedade.....	121

DESCONSTRUÇÃO DO SER HUMANO E LIBERAÇÃO DO SER-AÍ	137
a) Possibilidade de ser próprio.....	137
b) Do Homem ao Ser-aí – Angústia, Morte, Consciência e Tédio	145
c) Existência e Projeto.....	153
d) Ser-aí – Indeterminação e Possibilidade	159
e) Ser-aí, Compreensão de ser e a Antropologia Existencial	166
f) A Relação Originária entre Ser e Ser-aí	175
 CONSIDERAÇÕES FINAIS OU ESTAR A CAMINHO	 189
 REFERÊNCIAS	 205

A pesquisa realizada junto a Albert-Ludwigs Universität em Freiburg im Breisgau, da qual este livro resultou, foi financiada pela Capes por meio de bolsa de Pós-Doutorado e realizada entre 2013 e 2014. Agradeço imensamente a esta agência de fomento e ao professor doutor Günter Figal pela sempre cordial e atenciosa acolhida na Alemanha.

APRESENTAÇÃO

O século 20 trouxe mudanças profundas que pairam em todos os cantos e recantos do planeta Terra, impulsionadas pelos avanços tecnológicos. Passando por melhorias significativas na qualidade de vida, tais como o domínio sobre diversas doenças, as tecnologias têm auxiliado nas mais variadas situações. A título de exemplo, poderíamos citar a facilidade em ultrapassar limites físico-espaciais, até então impostos pelas longas distâncias. A concepção de tempo e de espaço mudou radicalmente e emergiu uma nova postura com relação ao conhecimento.

Um dos fatores que contribuiu para as mudanças foi a descoberta da linguagem enquanto condição de possibilidade de acesso ao mundo. A pretensão moderna de encontrar no sujeito a instância de legitimação do conhecimento vem perdendo força, na percepção de que muito mais escapa às pretensões objetificadoras do que propriamente se deixa capturar pelo sujeito.

Com o auxílio da hermenêutica conseguimos perceber que o sujeito já se encontra desde sempre inserido na tradição, independentemente de ter ciência ou não desse fato. É a partir desse lugar que ele se percebe e percebe o entorno. Sua compreensão é marcada por "pré-conceitos", juízos prévios, que se gestaram na tradição e são condições de possibilidade para o seu olhar sobre o mundo. O sentido não é gerado na subjetividade, mas se revela nela, transmitindo-se de geração em geração, de modo que nos é possível perceber que os "pré-conceitos", gestados na tradição, na verdade são condições transcendentais da compreensão.

Em tempos marcados pelo pragmatismo e tecnicismo, desde o início a obra de Seibt traz à luz a denúncia acerca do empobrecimento existencial em que, contemporaneamente, a subjetividade se encontra, assim como tudo o que envolve o ser humano. Há quase que uma clausura do ser. Ao enveredar pelos caminhos de Heidegger, o autor propõe-se a manter a perspectiva hermenêutica, desenvolvendo com propriedade, desde o início do texto, uma crítica ao modelo objetificador na construção do conhecimento, capitaneado pela racionalidade metódica.

Por Uma Antropologia Existencial-Originária foi o título escolhido para a presente obra, mantendo coerência com a perspectiva anteriormente exposta, ao adentrar no aspecto produtivo em busca das “coisas mesmas” pelos caminhos da tradição. Seguindo a reflexão de Heidegger, o texto traz a perspectiva de acompanhar a trajetória do autor, com a hermenêutica aqui devendo ser compreendida como modo de ser do *Dasein*.

Significa dizer que há um espaço próprio, indominável pelo sujeito, que exige, por parte da subjetividade, que ela esteja disposta a entrar nesse jogo. O acesso ao sentido não depende de um sujeito, que impõe ao objeto as condições sob as quais este deve se manifestar para lhe apreender a coisa conhecida. Heidegger sabe de seu caráter de finitude, no entanto, ocupa-se do ser enquanto ser, que possibilita os existenciais. Há algo que se revela, estando o sujeito impossibilitado de apreender a totalidade do que lhe é possível abarcar como conhecido.

Para Heidegger, a linguagem não é simplesmente um objeto presente, que está diante de nós, mas todo pensar já se faz linguagem. Quer dizer, a linguagem é mediação, condição de possibilidade de acesso ao mundo. Todo pensar se faz numa abertura. Uma abertura de sentido que se articula linguisticamente. Um espaço linguisticamente mediado, em que se abre para nós a experiência de mundo. Em seu texto, Seibt reflete sobre o esvaziamento do sentido das coisas, justamente devido ao empobrecimento que a linguagem vem sofrendo com a perda da capacidade apofântica das palavras, devido à repetição mecânica, sem apontar para a experiência das coisas que as palavras mesmas mostram.

Urge uma mudança de postura em prol da superação de limites criados, sobretudo, pelas ciências empíricas, que buscam a fundamentação do conhecimento pelas vias do “metodologismo”. Linguagem é, portanto, um espaço de revelação das coisas, porque nela se diz o sentido a partir do qual podemos perceber as coisas. Então, linguagem é, em primeiro lugar, um dizer do ser, com sentido. A proposição não é o lugar da verdade, mas a verdade o lugar da proposição, uma vez que a verdade (a abertura) é anterior à proposição. Há uma dimensão anterior à própria proposição que a torna possível, e é nessa dimensão que se dá a doação do ser, a doação do sentido.

Assim sendo, na linguagem ocorre a revelação da “coisa mesma” para nós, porque a linguagem, em última instância, desvela o ser. Linguagem é condição de possibilidade, na medida em que a percebemos como *medium* universal. Nela o sentido radical se desvela. Porque se desvela, ele desvela também o sentido dos entes. A linguagem é, pois, condição de possibilidade para a abertura ao mundo. O texto de Seibt desenvolve esse sentido radical com o devido cuidado, levando o leitor ao encontro de contextos que o demonstram, possibilitando uma experiência hermenêutica com a racionalidade que se desenrola.

O texto traz igualmente preciosas contribuições para a discussão a respeito de uma Antropologia existencial ou originária, que busca ocupar-se do ser-possível, à luz das reflexões de Heidegger. O contexto contemporâneo leva-nos ao encontro da necessidade de rediscutir a questão do tempo, pois, afundado nos objetos, o homem, no início do século 21, não raro busca sua afirmação negando dimensões mais profundas da existência, tais como a questão da morte.

A discussão em torno da Antropologia contribui em muito para devolver ao ser humano o seu ser e, conforme Seibt, “com isso, sua responsabilidade diante da existência e o fato de que seu ser está em jogo neste ser”. Desconstruindo e reconstruindo, tendo a hermenêutica

como ferramenta imprescindível, o presente texto nos instiga a repensar posturas efetivadas com a modernidade e, em seu todo, é uma oportunidade de o leitor (re)encontrar-se com a própria tradição.

Rogério José Schuck

Lajeado, 29 de abril de 2015.

INTRODUÇÃO

Quem é o ser humano, quem somos nós? Essa foi, é e continuará a ser uma questão importante e fundamental. Para Kant, a pergunta que é condição para que todas as outras possam encontrar um solo adequado. É com isso e com o pensamento desenvolvido por Martin Heidegger que este livro se ocupa. Não pretendemos, porém, encontrar uma nova Antropologia ou deduzir, a partir da Filosofia que Heidegger desenvolveu em torno dos anos 20, elementos que possam sistematizar e construir uma Antropologia. Nossa pretensão é, a partir das ideias inovadoras e desafiadoras desenvolvidas pelo filósofo, pensar a nós mesmos, pensar e repensar aquilo que denominamos ser humano. O próprio Heidegger não encoraja uma leitura antropológica de seus textos. Isso não significa, contudo, que ele não se ocupe com o ser humano. Por que a ressalva de que sua Filosofia não deve ser identificada com uma Antropologia? É que as Antropologias que encontramos na tradição têm um caráter “constutivo”, buscam determinações que definam este ente.

Um discurso construtivo busca pontos seguros e controláveis, a partir de onde somam-se e separam-se características ou determinações e isso, o que é fundamental, sem investigar antes os pressupostos a partir dos quais as determinações ou a construção é perseguida. Heidegger não quer que seu pensamento trilhe o mesmo caminho, pois importa para ele uma reflexão não de soma contínua de informações ou uma coleção de características ou determinações em relação ao ente que nós somos. Seu pensamento sobre o ser humano é antes um processo desconstrutivo, pois persegue, para além das determinações, aquilo que as sustenta, as raízes esquecidas e inquestionadas das determinações que enchem

nossos olhos de imagens e nossa cabeça com ideias. Seu pensamento sobre o homem é, por isso, desconstrutivo, o que não tem a ver com uma rebeldia inconsequente em relação ao mundo constituído no qual nos encontramos, mas é um esforço por desmontar as estruturas visíveis para mostrar o sentido oculto que as mantém em ordem. Isso caracteriza e diferencia as Antropologias que têm uma base positiva, construtiva, materialista e mesmo idealista, do projeto da analítica existencial de Heidegger.

Heidegger não pretende construir uma definição melhor de ser humano, apresentar mais uma determinação objetivada deste ente, mas investigar o seu ser. E investigar o seu ser não a partir do modo como estamos habituados a fazê-lo, ou seja, a partir do modo de ser dos objetos com que lidamos que, segundo o diagnóstico do autor, tornaram-se a referência ou modelo nas investigações inclusive sobre o ser humano. Para compreender o ser humano é preciso, por isso, primeiro desvencilhar este ente das determinações que não correspondem ao seu modo próprio de ser, mas que são importadas do modo de ser dos entes intramundanos que têm um modo de ser diferente. Como estamos em casa com o modo de ser dos entes intramundanos, estamos habituados e conformamos o nosso modo de entender toda realidade segundo este modelo. Trata-se então de desconstruir e libertar o pensamento para o modo de ser que corresponda propriamente ao ser humano. Essa ideia é fundamental para que se possa entender o pensamento de Heidegger.

Ele não pretende pensar o ser humano a partir do que já está disponível, daquilo que povoa nossa vida cotidiana, do que nos aparece como evidente e natural, mas pergunta primeiro pelo sentido do ser. É uma pergunta pelas condições de possibilidade, pelas condições e compreensões que se ocultam quando nos mantemos fixos no universo dos entes. É preciso, então, desconstruir esse universo que se tornou um imperativo inquestionável no nosso modo de pensar para alcançar aquilo que esse universo de determinações oculta e precisa fazê-lo para se manter evidente.